



Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário • 20 de Março de 1993 • Ano L - N.º 1279 - Preço 30\$00 IVA incluído

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

SETÚBAL

Consciências despertadas

O caso da família da Rua Jacob Queimado, em Setúbal, aqui relatado, trouxe respostas imediatas de consciências despertadas.

Os testemunhos são eloquentes e vivos:

«Acabo de receber o nosso O GAIATO e comecei logo a rezá-lo!

Com este frio, como é possível dormir descansado, sabendo os nossos irmãos sem casa?

Para a família da Rua de Jacob Queimado, com um abraço muito amigo, vai uma migalhinha que, espero, ajude a formar o pão da Solidariedade e da Justiça. Quería tanto viver uma Quaresma santa!». Um cheque de 50 contos.

«Por graça de Deus posso já enviar essa quantia para a casa que adquiriu — 200 contos. Um dia ainda hei-de contar-lhe como o Senhor pôs nas minhas mãos pecadoras esse dinheiro.

Eu entendo como o poeta: 'Se tenho dinheiro em caixa / e em bem minha alma o não usa / toda a pessoa que sofre / de noite e dia me acusa.'

Não queria ser acusada por Deus que vive nos irmãos. Bem bastam os outros pecados.»

Continua na página 4

BENGUELA

Mais um passo em frente no caminho da Justiça e da Paz

Devagarinho, com muito sofrimento à mistura, com temor e a tremer amiúde, a Casa do Gaiato vai pisando o caminho que a trouxe de novo a Angola: servir um povo que nada tem para viver nem para morrer. Uma das partes mais delicadas são as crianças abandonadas, vítimas da guerra cruel que teima no caminho da destruição e da morte.

Anteontem, pelas cinco horas da tarde, um grupo de dez garotos entrava solenemente na Casa do Gaiato. O portão de entrada em arco; as mangueiras com dezenas de anos cobriram-nos com seus ramos cheios de verdura ao longo da avenida; as palmeiras imperiais acolhem-nos no largo da Aldeia; a porta do refeitório abriu-se; a mesa estava preparada para a refeição; os

olhitos arregalados como janelas abertas para entrar a luz nova duma nova aurora; o louvor a Deus, a acção de graças e a súplica da Sua bênção de Pai. Depois, as camas novas e os lençóis lavados foram o último número da festa antes do sono tranquilo. Tudo simples, natural, humano e divino. Deus revela-se no carinho maternal da Teresa e da Aurora para com estes filhos que haviam perdido tudo.

Que dizer da história destes e de outros que estavam cá? Nas cédulas só linhas vazias onde deviam estar os nomes do pai e da mãe. Ninguém de sangue a chamar por eles. É a sorte da geração de crianças, adolescentes e adultos que vieram ao mundo, a esta Angola mergulhada no ódio, na violência e na guerra.

Não imaginai a alegria do pequenino grupo que os recebeu! Assim se vai reconstruindo, passo a passo, ao ritmo da natureza e da Graça, a história esfarrapada de vítimas inocentes. Os valores mais sagrados, porque mais humanos, são lançados no solo de Angola: o respeito pela vida em cada um destes seres; a solidariedade tremendamente ferida pelo ódio e pela violência; o amor que gera a única maneira digna de se viver e de se morrer; a justiça que põe cada um no seu lugar a que tem direito. Sinais de esperança que não ficam escondidos e apagados debaixo dos escombros desta Angola que tem direito a viver em paz.

A Toyota que veio connosco e nos faz recordar a firma que no-la ofereceu

— Salvador Caetano — é testemunha dos passos que estamos a dar. Momentos antes de redigir estas notas, lá foi para a praia a abarrotar de garotos, atravessando as ruas da cidade de Benguela como bandeira desfraldada a anunciar que é preciso responder aos tiros dos canhões com a alegria das nossas crianças. Oh quem dera que o barulho delas fizesse calar, entupindo os canos das armas que semeiam a destruição e a morte!

Bendita hora em que a Obra da Rua veio para Angola!

Depois, bem queríamos ter calçado e roupa para os agasalhar. Sabemos onde os há, que não aqui. Estamos a

Continua na página 3

CALVÁRIO

A minha igreja é diferente Não sei se mais bonita Sei que é viva

Depois de recados e visitas a doentes que pedem acolhimento em nossa Casa, entro numa igreja ao cair da tarde.

A nave é alta. De cada lado altares barrocos com colunas retorcidas e douradas, encimadas por capitéis, onde anjos alados repousam. Ao centro de cada altar, imagens antigas, serenas e recolhidas, convidam a orar. Santos e santas de outros tempos aqui estão figurados e venerados. Atrás de cada um, uma vida heróica. A devoção traduz-se nas flores que a seus pés exalam aromas delicados.

Ao fundo da nave, no sacrário quase perdido no imenso retábulo dourado da capela-mor, a presença eucarística de Cristo vivo. É Ele o Centro de tudo. A lamparina que cintila, assinala a Presença.

Após breves momentos, sento-me e reflecto.

A minha igreja é tão diferente desta! É mais ampla, dispersa sem dúvida. Os meus anjos não são de madeira. São seres vivos. É o Gaspar, de dois anos, que a mãe abandonou porque sofre de macrocefalia. É a Susana, de três, que a mãe rejeitou após uma meningite tuberculosa. É o Quim, franzino, de seis anos, já com paralisia progressiva. É o João. É a Paula. Os meus santos não são hirtos, de mãos postas. Andam em carros de rodas, de muletas, repousam nos leitos. Alguns cuidam da higiene dos acamados. Ou-

tros preocupam-se com a alimentação. Esta, de vassoura na mão, sem articular qualquer palavra, varre as avenidas. Estes, ocupados com o artesanato na casa de trabalho. Ali, alguém rega plantas e a relva.

Os devotos que aqui vêm regularmente não trazem flores nem cera, mas carinho e conforto. Vêm lavar, fazer camas, arranjar o cabelo, ensinar coisas que enchem utilmente as horas do dia.

Também, aqui, o Outro está em silêncio, não sei bem onde, porque em todo o lado O pressinto a dizer: — *O que fizeres ao mais pequeno destes é a Mim.*

A minha igreja é diferente. Não sei se é mais bonita. Sei que é viva.

Levanto-me e saio do templo. Entro no mundo dos homens atarefados que se cruzam, apressados, ignorando-se.

A rua estreita parece nave de igreja e sem tecto. Não há santos com auréolas nas janelas e portas das moradias, mas com certeza que os há escondidos no viver alegre das crianças que saltam, no sofrer sem queixume dos Pobres e dos Doentes; em muitos homens e mulheres que carregam ignorados a cruz das suas vidas.

A Igreja poderia ser o mundo inteiro. Mas não. As novas igrejas que proliferam por todos os cantos das cidades, são as instituições bancárias, já que o Deus que hoje se adora é o dinheiro e não o Outro que Se esconde por detrás de cada homem.

Padre Baptista

«Debaixo do sinal da Cruz, único que fica no mundo enquanto nele tudo desmorona e desaparece» — afirma Pai Américo.

Pois no sopé do belo cruzeiro, frente à Capela, cinzelado pela arte inata dos pedreiros da Região, qual civilização do granito, a objectiva tem recolhido sucessivas gerações de gaiatos desde a fundação da nossa Aldeia, em Paço de Sousa.



Conferência de Paço de Sousa

SERIEDADE — Voltou doente. Já lhe havíamos concedido habitação, em moradia que ampliámos.

Entretanto, foi internado. Mas, quando lhe deram alta, sendo a cama necessária para outro paciente, uma doutora intervém com oportunidade, põe a questão e desfaz equívocos.

É um homem com problemas específicos e um temperamento envergonhado. «Até começar a trabalhar, poderão dar-me alguma cousa de comer?» Passámos logo recado à mercearia para que não faltasse o necessário.

Agora, está melhor. Reaparece. Comunica já ter serviço e prescinde de tudo o mais. No reino dos Pobres, porque pobres, nem sempre acontece desta maneira.

A cara do homem mudou de aspecto. Os olhos riem. «Por agora não preciso. Vou já trabalhar.» Seriedade!

TUBERCULOSE — Como falamos de doentes, e no ambiente sócio-económico do País e da Europa há mais um ciclo de recessão (a evolução tecnológica sobrepõe-se ao Homem!), vale a pena referir que o bacilo de Kock sacrifica vidas, quiçá por carências alimentares entre os mais pobres.

Nos países comunitários temos o maior índice de gente afectada pela tuberculose! Não é, ainda, um problema grave. Mas precisa de ser acompanhado pelos departamentos de saúde pública — já que o mal parecia erradicado...

PARTILHA — A mensalidade do casal-assinante 11902, do Fundão. Mil escudos, de Etelvina, da Foz do Douro, «para uma pessoa idosa, por alma dum assinante do Famoso, em substituição de flores». Três mil, da assinante 21319, de Guimarães. Maria, do Porto, manda um cheque pedindo «a bênção de Deus pela minha saúde, a fé de meu marido e filhos, que o Senhor nunca os desacompanhe». Remessa habitual do assinante 17258, de Baguim — Rio Tinto. Assinante 19418, remanescente de contas d'O GAIATO.

«Depois duma longa ausência» — da qual se penitencia — volta à precissão a assinante 1121, «para o que for o mais necessário». Cheque, de Tavira, «tudo no mais rigoroso anonimato». Só Deus sabe! «A importância mensal», da assinante 31104, de Lisboa: «Não sei rezar doutra forma! Deus a aceite por alma dos meus queridos. O meu sofrimento sirva para alguma coisa — só Ele sabe o quê».

Mais um cheque, da assinante 18909, da Cova da Piedade, «para um autoconstrutor». Mais cinco mil, de «uma portuense qualquer», acentuando que «a migalha é relativa ao mês de Fevereiro». Presente Susana, de Damaia, que se «empregou há pouco tempo», destinando a oferta para «um dos casos prementes da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». Abençoado óbulo!

«Avó dos cinco netinhos», de Setúbal, com a «pequena contribuição» e «muito carinho pelos que precisam». Assinante 18913, do Porto, dois mil e quinhentos escudos. O costume, da «Avó de Sintra». E mais um cheque, de «Uma Assinante de Paço de Arcos», relativo à «partilha de Janeiro e Fevereiro» — com «saudações fraternas e muita amizade», que retribuimos.

Em nome dos Pobres, muito obrigado. **Júlio Mendes**

Pelas CASAS DO GAIATO

TOJAL

CATEQUESE — Reunimo-nos na Escola, às terças-feiras, para dialogarmos sobre a colaboração dos cristãos em relação íntima com Deus.

Somos catequistas empenhados no amor. Procuramos dar aquilo que somos, em sintonia com a Palavra. Conversamos, fazendo suscitar a dignidade da pessoa humana em Jesus.

Nas férias do Carnaval fomos a Fátima, integrados no grupo de catequistas de Lisboa. Procurámos descobrir o que é catequizar em comunidade e, também, buscar o sentido vocacional na catequese. A base é a Palavra e as vivências testemunhadas que ecoam no nosso coração e revelam que ele nos aproxima uns dos outros em amor. O catequista está em comunhão com tudo o que o envolve.

A catequese transforma o nosso coração. Torna-o mais sensível para os valores morais e espirituais e aberto para o dom da vida.

Vivemos tão perto e tão longe de Jesus! Gostamos de ler esse maravilhoso livro que é Jesus. Mas sentimo-nos incapazes de ajudar os que mais precisam. De darmos as mãos aos irmãos abandonados, com fome, doentes e os que vivem na solidão.

Ouvimos a voz humana, pessoas humildes, já com muitos anos nesta grande vocação de ensinar a escutar Deus passando pelo homem concreto. Testemunhos que revelam o empenho da mente e do coração, para que os que desejam Deus possam conquistar nos acontecimentos humanos a força do verdadeiro Amor.

Foram os mais velhos, pois sentimos necessidade de aprovar algumas temáticas religiosas para podermos ofertar com mais saber aquilo que saboreamos quando lemos ou escutamos a Palavra de Deus. Tudo o que nos envolve exige esta escuta de cada um. Somos chamados a catequizar, envolvidos na nossa cultura. Tudo o que somos é alicerçado no Senhor.

Chamados por Jesus, descobrimos que a catequese é

empenhamento pelos Outros. Damos as nossas mãos a tantas outras, com alegria, bondade, coragem e saber. Ela está na base de tudo o que nos envolve. Ajuda a descobrir e a dar sentido à nossa vida quando captamos a novidade do Mestre, em Igreja.

Para nós, jovens, ela é resposta às nossas inquietações. Um jogo cujas regras nos ajudam a detectar Deus, no meio de nós, tornando-nos mais capazes de aceitar o Outro com uma consciência capaz de dar as mãos à criança, ao jovem, ao adulto, ao idoso.

As sementes foram lançadas naquilo que cada um é. O que, escutámos, acentuou o empenho pelo Outro, deixando-se «interpelado pelo amor de Cristo», acolhendo «o seu olhar luminoso e penetrante que abre os caminhos da nossa vida». Momentos vividos que afectam profundamente as nossas maneiras de viver em comunidade.

De facto, «se Ele pede muito é porque sabe que podeis dar muito».

Oxalá cada um de nós saiba oferecer aquilo que ouviu e

interiorizou, neste Retiro, para que possamos viver em relação íntima com Deus em nossa Casa.

José Manuel dos Anjos Nunes

TOALHAS DE MESA — Uma visitante percorreu as obras na cozinha. No refeitório viu as mesas sem toalhas. Para nosso encanto, a senhora propôs-se oferecê-las. Depois telefona para irmos buscá-las à paragem, pois vinha com muito peso. As mesas ficaram com outra configuração.

O nosso obrigado.

LARANJAS — Devido à grande produção das laranjeiras (e à oferta de fruta) tivemos que as apanhar e levá-las para a fábrica; não deixando, mesmo assim, de as saborear à refeição.

FAVAL — Já mostra bom aspecto. É uma grande extensão de fava semeada. Será uma boa colheita, se Deus quiser, e haverá fava para muito tempo.

FESTAS — O que se ouvirá mais entre nós, pelo menos nos próximos três meses, serão as

Festas que aí vêm. Há pouco tempo para irmos ao encontro do, nosso público! A primeira estará para breve. Esperamos que seja melhor que a do ano passado.

FUTEBOL — No dia 14 defrontámos uma equipa das redondezas. A nossa, mal em todos os aspectos. O adversário bem, futebolisticamente, superiorizou-se com facilidade durante o jogo. Nós só quase no fim começámos a acordar. Mesmo assim, não houve salvação. Perdemos por 4-3. Resultado merecido pelos visitantes.

Luís Miguel Fontes

PAÇO DE SOUSA

VISITAS — Temos recebido poucas, em dias úteis. Mas aos domingos muitas vêm, até nós, conhecer melhor a nossa Obra.

FUTEBOL — Disputámos poucos encontros, mas isso não impede que a malta jogue à bola. Nos recreios pratica-se futebol por todo o lado.

OBRAS — Mais um trabalho. Os pedreiros estão a abrir o muro para colocação dum novo portão, ao lado da casa 1, que se destinará, essencialmente, à entrada de camiões de grande porte. São os custos do progresso...!

«Vitinho»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Voltamos a falar de D. Lídia, que sofre de bronquite asmática e tem uma hérnia enorme no umbigo. Já a levámos ao Hospital de Santo António, para exames, e os médicos chegaram à conclusão de que não podem operá-la porque está muito mal dos pulmões. Tem pouco oxigénio no sangue, daí a sua cor arroxeada. Portanto, a operação seria fatal. A senhora chorou porque queria ver-se livre daquele volume que a incomoda. O médico aconselhou que tivesse uma garrafa de oxigénio em casa. É a segunda que consome, mas sente-se melhor da falta de ar.

O que mais nos comove quando visitamos esta irmã: Tratar-nos por *paizinhos*. Ouve as nossas palavras com carinho e até ficamos sem saber o que dizer. Tão carinhosa! Aquele olhar triste quer dizer muita coisa, mas não é preciso porque entendemos o seu sofrimento — bem grande.

Os filhos não têm grande fatura, mas a mãe confessou que lhes tinha pedido ajuda, pois sofreu muito para os criar e agora precisa de apoio. Graças a Deus, foi ouvida. Passou o Natal e o Ano Novo com eles e aos fins de semana vêm-na visitar.

Nestas lições de amor vamos buscar energias para nos mantermos unidos; e de mãos dadas para ajudar aqueles que precisam do nosso apoio. Já dizia o nosso querido Pai Américo: «Felizes os que se deixam apaixonar pelos Pobres! Nós não temos no Mundo melhores vestígios de Cristo. Não há ninguém no Mundo que tanto se pareça com Ele. Ninguém que o Mestre tanto tenha encarecido».

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE: — Da nossa amiga, da Holanda, sempre com uma palavra do Senhor: «Cumprindo uma parte da

NOTÍCIAS DE MOÇAMBIQUE

A NOSSA FAMÍLIA — Este assunto tem que ser uma constante, pois há sempre novidade e alteração. Temos mais dois filhos novos, que vieram depois do Reginaldo: O Sámito, com oito anos, é muito sabido. Aqui há duas semanas, está muito bonito... Ninguém o tem como oriundo da rua. Outro: pela primeira vez um rapaz em maior necessidade, o Roberto, tem 13 anos e é deficiente motor numa perna; utiliza mulétras. Foi Jesus que nos ensinou a amar o irmão abandonado, o coxo, etc.

Entretanto, houve umas saídas... O Décio e o Alfredo *aventuraram-se* na semana passada. O primeiro só durou um dia e voltou logo; o Alfredo só depois de uma semana e porque estava doente. Nestas alturas o Lar é o lar. Saída inesperada: o Albino. Um dos chefes resolveu ir embora. Vio-o muitas vezes lá na rua a vender copos e molas. Que grande humilhação! Já se mostrou arrependido. Veremos se fará como o Filho Pródigo... Chega, entretanto, e foi aceite. Deixou de ser chefe e foi trabalhar para as obras. Depois veremos aonde.

SAÚDE — Tivemos um surto de malária. Toda a aldeia afectada. Como o clima tem estado inconstante, tempo de chuva, é

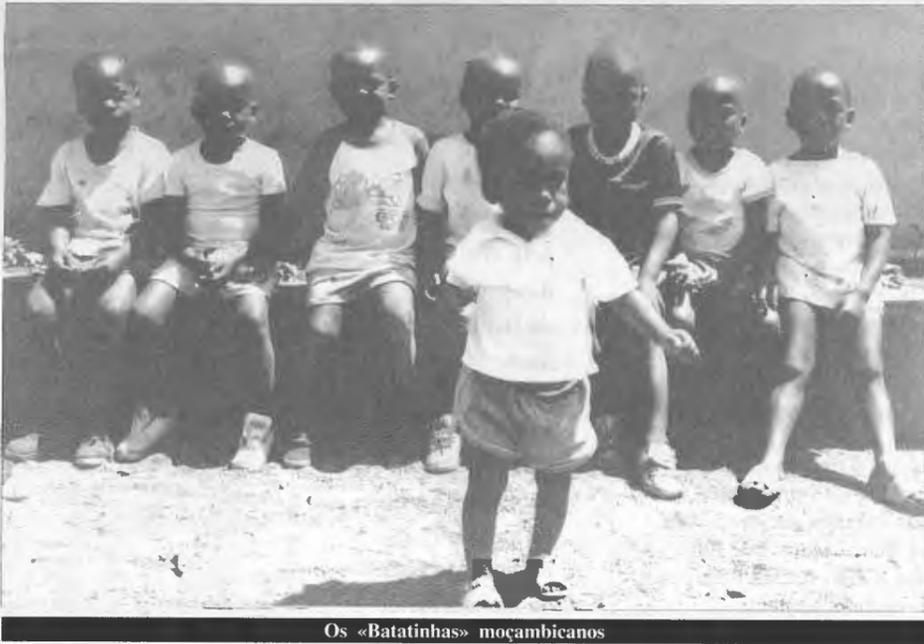
nesta altura que ela predomina. Em nossa Casa tivemos 15 rapazes de cama, alguns mesmo com malária resistente. Graças a Deus estão recuperados.

CHEFES — Sentimos a necessidade de responsabilizar os mais velhos. Erguidos a chefes, vamos tentar modelar e fortalecer os seus perfis. São eles: O Ananias, cozinheiro, chefe da cozinha, responsável pela orientação dos trabalhos domésticos. O Maurício, tractorista, chefe de camarata e refeitório. O Julião, de outra camarata. O Júlio, armador de ferro, chefe de camarata dos pequenos. Apelamos para estarem atentos a todas as outras actividades. Mas, principalmente, tomarem consciência de que têm que dar o exemplo... correcto, fraterno e educativo.

OBRAS / TRABALHO — Já se concluiu a parte provisória para as oficinas. Iniciou-se a construção de outra ala de salas deste Centro de Apoio, onde estamos instalados provisoriamente. Com esta ampliação teremos mais espaço para os rapazes, para as arrumações e coisas que surgem oportunamente. Estamos a construir uma pequena ponte, que vai dar acesso à futura aldeia, pois nos grandes dias de chuva nem tractor nem carro passam. Para estes serviços contamos com novo mestre de obras, pois o sr. Canapa deixou-nos repentinamente. Agora é o «Zé Máquina», engenheiro civil, e o mais importante, pois é antigo gaiato da antiga Casa do Gaiato de Maputo. Estamos entre família.

Também os nossos rapazes têm colaborado nestas obras. Foram todos organizados em pequenos grupos para a nossa terra. Objectivo: carregar o máximo de atrelados de pedra para encher os alicerces e os pisos das construções. Conseguiram encher seis. O Maurício tratou de os trazer rápido, um a um... e conseguiu acompanhar. Uma aldeia, uma casa a construir-se pelos alicerces com a ajuda deles. Os alicerces da Casa do Gaiato a construirmos os próprios alicerces da Casa.

Carlos Roda



Os «Batatinhas» moçambicanos

CAMPANHA DE ASSINATURAS

Com a expedição do jornal a funcionar por etiquetas endereçadas a partir do computador e coladas pela almejada máquina — afinal tão simples, tão tranquila quão lesta no seu andamento... — tão tranquilizante — voltá-mos, decididos, à campanha de assinaturas. Em Janeiro e Fevereiro passam de setecentos os novos assinantes. Se eles forem fiéis ao apelo veemente que lhes foi feito: que assinar O GAIATO é assumir o compromisso habitual de o ler e o seu preço essencial se cumpre na leitura — aí temos outros tantos lares onde o «Desordeiro» vai produzir seus estragos. Estragos que consertam; que ajudam a afinar as vidas no lamiré do Evangelho que é Palavra de Vida eterna. Esta é a paixão que nos determina. Por força dela, vamos, com esforço, sim, mas com muita alegria, por essas comunidades que tão fraternalmente se nos abrem. Esta, outra nota profundamente reconfortante.

Há vários anos que não passávamos pelas Igrejas do Porto. A campanha é oportunidade para um regresso que tem sido acolhido com um carinho que nos confunde porque, de nós mesmos, quem somos para o merecer?! Muitas vezes balbucio aquela palavra do n.º 20 das nossas Normas de Vida: «*Repleti multis miseriis*». Sim, isto é o que nós somos. Porém, «na fragilidade das suas misérias — acrescenta Pai Américo — devem os padres guardar e fazer render o dom da escolha». A nossa bênção é o serviço dos Pobres para que fomos escolhidos. Por isso tão delicada e afectuosamente recebidos pelos sacerdotes e pelas comunidades a que presidem. Tem sido uma «consoladela»!

Não resisto à partilha deste acontecimento: Em uma das paróquias visitadas, uma senhora muito modesta vem até mim e de olhos inundados de lágrimas, abraça-me e entrega-me esta carta:

«Seja bem vindo a esta paróquia. É com muita alegria que lhe dou as boas vindas.

Eu não sou daqui, mas enquanto estiver nesta freguesia, ela também é minha. Eu fiquei muito contente, quando no passado domingo o senhor Abade anunciou a sua vinda.

Conheço essa Obra maravilhosa há muitos anos, pois vim para o Porto com 9 e os meus primeiros patrões eram um casal sem filhos e muito meus amigos. O meu patrão era médico, mas embora não frequentasse muito a igreja não impedia que eu e a senhora o fizéssemos; era muito boa pessoa e tinha uma grande admiração e muito respeito pelo sr. Padre Américo.

No dia que o sr. Padre Américo faleceu, ele chegou a casa do trabalho com ar de cansado e triste e perguntei porquê. Ele respondeu que estava triste pois tínhamos acabado de perder um grande homem.

A senhora ensinou-me a ler e desde então tenho sempre lido e acompanhado o vosso jornal e assistido às Festas dos gaiatos que me dão muita alegria.

Só tenho pena de não poder ajudar como queria ou como a Obra precisa. Por favor, aceite-me este donativo que ofereço por alminha dos meus pais.

Sem mais me despeço, desejando que Nossa Senhora, ao lado do seu Divino Filho e Pai Américo, lá do Céu, lhe dê saúde e longa vida ao senhor e a todos os sacerdotes, especialmente aos que consigo trabalho.

Dê-me a sua bênção e muito obrigado por ter vindo até nós. O meu nome é anónima.»

É, sim senhor: «Anónima» é o seu nome. Fisionomista que sou, nem tive tempo para lhe fixar o rosto. Com a carta vinham cinco notas das maiores. O que elas valem, Santo Deus!

Padre Carlos

Tribuna de Coimbra

Palavras e gestos de partilha

O espírito quaresmal de algumas Comunidades cristãs e amigas, como que acenando a alegria pascal, tem-se feito sentir bem perto de nós, em palavras e gestos de partilha comovedores.

O telefone tocou, numa manhã em que os afazeres da Casa me tinham levado a «inspiração». Queria escrever. Tinha obrigação de escrever. Mas os azulejos que faltavam, o jeito que era preciso dar ali e mais além, o incómodo dos miúdos, escada abaixo e escada acima, como de costume e... nada!

Atendo. Um amigo dos lados da Serra da Estrela — Covilhã. Voz quente e comunicativa. É alguém em fogo... O Artur, distribuidor d'O GAIATO naquela repartição pública, acabara de chegar. Um tesouro. Ele e o que levava consigo: a mensagem. A confidência: «Aqui gostamos muito

dele... sabe?...» Do Artur e d'O GAIATO. «O estilo, a vida e a intuição evangélica escondida, fazem a minha meditação diária.» Depois sobre o *Pão dos Pobres* (dois volumes que o Artur levava consigo): «O meu breviário sem compromisso». Há mais gente à querer rezar as horas! Na próxima, irá uma carrada. Por fim, a jeito de quem se encomenda: «Sabe?, tive a graça de conhecer pessoalmente o Padre Américo..., os seus óculos inconfundíveis e aquele olhar marcaram-me para sempre». Marcas de Deus!

Mal poiso o telefone e outra vez o mesmo. É do Lar. Maria da Luz pede sempre o que precisa — que eu na volta levo. Há qual-quer coisa que me quer dizer de outro jeito. É o dar. Alguém que acabara de sair do Lar deixou um pequenino e simples embrulho: — Uma bomba?, perguntei, gracejando. Que não. O homem não disse o que era, nem quem era; que lá dentro estava tudo esclarecido. Vou e abro. Vinte e quatro notas de dez mil e o esclarecimento completo: «Quem squ?... Não importa. Importa, sim, que Deus o saiba...». «Quando deres esmola não toques a trombeta diante de ti como fazes as pessoas fingidas... o teu Pai vê no segredo...». Alguém que assumira a conversão quaresmal. A minha meditação do dia.

À noite, quando me preparava para ultimar o «Tribuna», abro, curioso, uma carta que os distribuidores do *Famoso*, de Castelo Branco, tinham trazido por mão. A «Mesma» que agora mandou um cheque de 100 contos, já tem mandado o mesmo em notas, por eles, com toda a confiança. Eu tenho recebido e acuso sempre. Esta «Dona» já, este ano, mandou da sua «desobriga», linda, 250

deles. Sempre com palavras que não empatam. Água da mesma Fonte — o Evangelho.

Ontem, domingo, da parte da tarde, um grande grupo de Galizes — Oliveira do Hospital: Catequistas, jovens, crianças e pais destas a acompanhar. Uma carrada de gente! Viram tudo. E, nem o mal arrumo que as obras da Casa provocam, tapou a boca: «Isto é tudo maravilhoso!...» À saída, um cheque de 75 contos e «que a nossa pequena doação ajude um pouco esta grande Obra que mais parece Obra de Deus, para Deus e por Deus». Nunca tal ouvira! Interpretação sublime do método da Casa do Gaiato. Depois, mais meditação: «Melhor que olhar para alguém é olhar por alguém».

Sinais

Antes de assinar a «Tribuna», apareceram três manas: «Todas nos damos bem!». São de Cabaços. Uma delas trazia nas mãos um grande bolo. E, claro, atrás de si uma *procissão* dos nossos. Os olhos são grandes comensais. Eram os seus 72 anos, sorridentes. Vinha também o marido que a acolitava. De Cabaços aqui com um bolo de aniversário para os gaiatos! — A *vivência do Evangelho tem lá coisas...!*, sussurraram os meus botões. Porque não ficam elas, à braseira, a saborear o tal bolo e outras coisas adequadas à linda idade festejada? Porquê aquela simplicidade e alegria? É que no bolo se escondia outra doçura bem mais suave: o Amor de Jesus.

O nosso Carlos Fernando também fazia anos: Dezas-seis. Que bem me soube vê-lo repartir o bolo pelos noventa e tal irmãos e filhos que somos à mesma mesa, agora! O Evangelho é feito destes milagres. As Quares-

mas, como os Natais, às vezes passam sem rasto porque esperamos o «Reino» na esfera do espectacular. Ele haverá outros sinais que não sejam estes, hoje? Tão vivos e tão pascais!

Padre João

Retalhos de vida

JÚLIO PEDRO

Chamo-me Júlio José Pedro. Quando estava na rua fumava e fazia «brincadeiras extras» (*expressão utilizada para designar jogos porcos*). Andava a pedir dinheiro e carregava muitos sacos no bazar (*mercado*).

Mas agora estou na Casa do Gaiato. Já não faço «brincadeiras extras» e também já não fumo. Agora, sou um rapaz de verdade. Estou a estudar, recebo educação e aprendo a respeitar as pessoas. Muitas coisas vou aprendendo para amanhã conseguir ser um homem. A Irmã Quitéria, o nosso Padre José Maria e o tio Carlos são as pessoas que me ensinam, porque querem que um dia eu seja homem.

Um abraço para todos.

Júlio José Pedro

Benguela

Continuação da página 1

aguardar a hora da chegada para os nossos e para os outros que nos batem à porta como única tábuca de salvação. Esperamos, entretanto.

Bem hajam aqueles que na rectaguarda, em silêncio ou falando, a rezar ou em presença sensível, entram na corrente de Amor que nos traz alento e segurança.

Padre Manuel António

Vistas de dentro

O Jaime

O Jaime «Bolachão» faleceu. Ia na sua bicicleta para o trabalho, em Viseu, e foi esmagado por uma camioneta. Morte muito triste. Uma vida de 21 anos.

A família de sangue, do Jaime, tem sido muito marcada pelo sofrimento. A mãe faleceu, depois de sete anos com doença grave, deixando oito filhos pequenos. O pai atingido por mal que o há-de incapacitar enquanto for vivo. Os filhos tiveram de ser distribuídos. Nós recebemos os dois mais pequeninos. Dois dos outros também faleceram em acidentes muito dolorosos.

O «Bolachinha», que vivia e trabalhava com o Jaime, veio trazer-nos a notícia. Vinha triste e desanimado. Contou a morte do irmão, os tormentos e explorações que têm sofrido desde que saíram de nossa Casa. Algumas, de familiares.

Voltámos a pô-lo à nossa mesa onde se sentou tantos anos. Procurámos animá-lo a recomeçar a vida e a viver com esperança. Pedimos a Deus que tenha em Paz o Jaime para quem esta vida foi uma dura peregrinação.

O Coelho

O Coelho é o mais falado cá em Casa. Quase todos os dias há tribunal por causa dele.

Mal acaba uma, mete-se logo noutra. Anda bem marcado na cara e no corpo por aqueles com quem se mete.

Sobe aos telhados «à procura duma vela que para lá foi». Foge do trabalho «porque não gosto de trabalhar». Foi roubar uma bicicleta ao vizinho «porque me deu na cabeça». Mete-se em bulhas «porque este gajo me chateou». Chega tarde à escola «porque não sabia da mala».

Há dias, na Capela, Padre Carlos teve este desabafo: — Olha rapaz, nós já não sabemos que mais te havemos de fazer para te emendares. Vê lá tu o que há-de ser.

O Júlio Silva comentava, hoje: — Este rapaz não devia estar em nossa Casa. Mas agora não há casas próprias para ele. Tem de cá estar mesmo.

Não devo dizer aqui o ambiente onde o Coelho nasceu e viveu até vir para a Casa do Gaiato. Situações infra-humanas que marcam para sempre. É mais uma vítima da miséria.

O rapaz é inteligente. Esperamos que um dia tenha consciência da sua vida, a tome a sério e venha a ser um homem digno. Temos de continuar a dar-lhe a mão e esperar.

O João Pedro

O João Pedro «Tronchuda» fez anos. Na véspera veio à nossa mesa dizer: «Amanhã vou fazer 17 anos». No dia seguinte voltou a dizer o mesmo. Uma grande novidade para ele. A alegria que sentiu quando lhe entregaram o prato de bolos na sua mesa!

Anda na Escola Primária e gosta pouco de trabalhar. Distrai-se muito e desculpa-se com facilidade. Há dias, meteu-se num grupo visitante com um gato ao colo. Várias vezes o vi beijar a cabeça do gatinho. Tudo com naturalidade.

Tenho muitas vezes ficado a olhar o «Tronchuda». O Tribunal não descobriu o pai. Ele e o irmãozito tiveram de ser recebidos na Casa do Gaiato. Os beijos que naquele dia deu ao gato eram sinal dos que não recebeu em pequenino. Esperamos que ainda venha a ser um homem.

Padre Horácio

minha missão, como membro do Corpo de Cristo que é a sua Igreja, envio uma lembrança de 7.000\$00 e Cristo cresça em nossos corações, pela graça de Deus». J. R. D., nunca se esquece: 2.000\$00. M. M., para uma senhora idosa, 5.000\$00. Conferência de S. Cosme e S. Damião, de Gondomar, um grande abraço e 5.000\$00. Retribuímos as saudações em Cristo Jesus. Assinante, viúva e reformada, de Lisboa, com setenta e tal anos, 2.000\$00. Assinante 53561, 5.000\$00. Anónimo, 1.500\$00. Assinante 40919, 1.500\$00. O nosso Elísio, 500\$00. Anónimo, 30.000\$00. Deolinda, 500\$00. Anónimo, 10.000\$00. Anónimo, 10.000\$00. Anónimo, de Lisboa, 3.000\$00 para «a grande poluição de miséria que, louvavelmente, procurais minorar». Assinante 28632, 5.000\$00. Augusto, do Porto, 4.000\$00. Bernardette, 20.000\$00. Roupas, de Maria Vilhena.

O nosso agradecimento.

Conferência de S. Francisco de Assis — Lar do Gaiato — Rua D. João IV, 682 — 4000 PORTO
Casal vicentino

ENCONTROS em Lisboa

A dor e o sobressalto invadem todo o nosso ser!

Aí está a notícia. Aí estão as imagens. Aí está também a nossa dor e o sobressalto que invade todo o nosso ser. Aí está também a nossa vergonha: Duas crianças de dez anos roubam e assassina uma outra de dois anos. Isto não deixa dormir. Não é menos doloroso ver a reacção da multidão postada à passagem dos carros para o tribunal onde as crianças iriam ser apresentadas como assassinas. Pedras e encontros, contra os carros. A violência continuava. Onde estamos? A notícia dizia que tudo se passava na Inglaterra. E por cá? Não será tempo de chorarmos os nossos pecados?

Uma criança nasce e desenvolve-se com as marcas do clima social onde se encontra. É certo que vai criando a sua própria personalidade através da integração, selecção e interpretação de tudo o que lhe é dado

viver. Assim, um ambiente sadio, vivido no amor, será clima propício ao desenvolvimento dos valores humanos da dignidade, do respeito, da não violência, do espírito de diálogo e de perdão. Um ambiente desequilibrado, violento, anónimo, deixará também as suas marcas e temerões que sejam as piores.

Para além dos graves problemas com que as pessoas diariamente se enfrentam, da falta de tempo, de stress que cria bloqueios a nível da comunicação, da escuta do outro, do diálogo, de que são vítimas essencialmente as crianças no interior das famílias, acrescenta-se a Televisão consumida de qualquer maneira e realizada também com finalidades por vezes pouco explícitas. Não sou um bom analista da influência da Televisão porque cresci sem esse acompanhamento, mas não posso ficar indiferente ao que vejo diariamente: violência por tudo quanto é canto, policiais baratos, mundos marginais, sexo e

corrupção e os super-heróis só o são à custa dos músculos ou da destreza no manejo de armas destruídas. Tento imaginar o efeito numa criança que vê tudo aquilo e muitas vezes faz o consumo de forma solitária sem ter alguém com quem possa conversar, pedir explicações, relativizar. Uma criança, só, diante de uma Televisão e com falta de modelos adultos que estabeleçam com ela uma relação humana, acaba necessariamente por ir buscar a esses filmes ou vídeos de violência os seus modelos, os seus códigos de honra, os seus heróis, os seus métodos. Depois admiramo-nos do que se passa nas escolas, nas ruas, nos cantos sombrios das nossas cidades. Aquelas crianças não inventaram nada. Viram talvez dezenas de vezes fazer isso por adultos. Os raptos e assassinios são frequentes no tipo de filmes ou séries mais comuns passados na Televisão. Fizeram o que viram fazer. *Jogaram aos adultos.* Os heróis modelares que conhecem... Estou

convencido que nas suas mentes não passou de um terrível jogo de imitação.

Caminhar para a Páscoa

Estamos na Quaresma. Desde os mais remotos tempos bíblicos o amor de Deus lança-nos um apelo e convida-nos a caminhar para a Páscoa com um coração alegre porque arrependido e confiante. No mundo economicista em que vivemos, a Quaresma tem algumas vezes assumido também esse aspecto. Apelo a partilhar uns cobres com estes e com aqueles. Para que não tenhamos que chorar a sorte daquelas crianças, precisamos de nos converter em muitos outros aspectos. Por exemplo os pais precisam de ter tempo para os filhos, os maridos para as esposas, as esposas para os maridos. É preciso tempo para o gesto gratuito de solidariedade e da amizade. O tempo para revermos os nossos comportamentos de honestidade e de dignidade. O tempo para celebrarmos a alegria que o Ressuscitado semeia no nosso caminho iluminado pela Boa Nova.

Padre Manuel Cristóvão

SETÚBAL

Continuação da página 1

Estoutra:

«Comoveu-me a notícia da família dos cinco filhos sem casa. Incluo cheque de 100.000\$00 para ajudar essa necessidade.

Peço a caridade de me lembrar diante de Deus».

Consciências vigilantes. Ao primeiro sinal respondem com todas as potencialidades. O GAIATO espicaçou-as.

É esta a missão da Obra do Padre Américo: acordar e aguilhoar as consciências. Pregar-lhes um Deus vivo e concreto que Se fez homem em Jesus Cristo e por Ele em todo o homem, sobretudo no Pobre.

Afinar as consciências de acordo com o que cada um é e pode.

Se a autoridade sanitária visitasse a família em causa, e o fizesse como real autoridade, determinaria, imediatamente, a sua transferência para uma habitação digna. Não o faz. Finge ignorar as centenas de casos desta cidade porque não se sente com autoridade para isso. A autoridade sente-se vazia de autoridade.

Quando um Governo e uma Oposição determinam e aceitam aumentar-se em triplicado relativamente ao povo, diante do escândalo de tanta pobreza, demitem-se da sua autoridade, apoiando-se somente no poder. A ninguém apetece pregar a obrigação dos impostos que devia ser um cargo de consciência.

Perante esta corrupção generalizada não temos outra saída senão bater viva-

mente à porta de cada um.

Perante uma sociedade de consumo e um ambiente cultural destruidor dos valores humanos, que impinge à juventude as armas da desgraça e da morte — uma vicentina disse na reunião que o cemitério da sua terra é um jardim de jovens, mortos nas motos — este punhado de jovens cristãos vicentinos não vêem outro caminho, senão assumir uma atitude de sofrimento e de humildade pedindo esmola para repor a Justiça.

FESTAS

As nossas Festas estão em fase de adiantamento. Os ensaios e o guarda-roupa sofrem já as últimas afinações. No próximo número darei notícias.

Padre Acílio



«Batatinhas» de Paço de Sousa

Malanje dia-a-dia

20/1/93

ORAÇÃO

Senhor! Nas tuas colinas verdes ainda cantam os pássaros! Mas, teus filhos e filhas não ouvem o canto. A dor apertou seus corações e fechou todas as portas...

Nos teus poentes maravilhosos, as mesmas telas rubras! Mas a visão das fardas verdes e dos fusis sempre apontados fez noite de breu no coração do Teu Povo...

O choro das crianças é o alarme da fome em cada madrugada! De mansinho, as mães mártires, sabendo que podem encontrar a morte, caminham em direcção à lavra...

Caminham em filas pelas matas e capim! Os homens da guerra semearam os caminhos e as mibangas compridas de engenhos mortíferos.

As mibangas prenhes de mandiocas suculentas encerram também os sorrisos de Teus filhos, todas as suas dúvidas e a sua última esperança. As enxadas se levantam numa raiva contida... Pode ser o fim... pode ser a vida... Ouve Senhor os gemidos do Teu Povo! Escuta o choro das crianças!

DOCTRINA



...sem jamais se cansar nem se repetir.

● Instalados actualmente na Casa do Gaiato, acabou o primeiro turno e começou o segundo sem beliscaduras nem desapontamentos, debaixo do sinal da Cruz, o qual é o único que fica no mundo, enquanto nele tudo desmorona e desaparece. As avessas dos sinais da terra, este produz verdadeiramente o que significa — tranquilidade e paz.

● Como tu nunca aqui vieste nem sabes como a Casa é, eu quero informar que as traseiras dela dão para a quinta da mesma, de onde os olhos da gente voam em ritmo entre os pontos de beleza, feita de sombra e de luz; e a frontaria, artística e bem lançada, diz para o lugar. Junto existe uma capela pública, havendo, por isso mesmo, de quando em vez, festas do povo com o santo e o padre e o gaitero e o bailarico e o jazz, que tal é o conceito, em nossos dias, de religião e de suas festas. O último bailarico terminou ao sol nado e à mesma hora haviam terminado os dois anteriores. Ora, como me constasse haver mais festas e mais bailes dentro de breves dias, eu, apavorado, tentei explicar ao povo da terra a índole da Obra, as regras do bom senso e as leis do País, no que toca a festas de rua; que isto é uma Casa de Repouso, disse, onde se trabalha imenso no sustento e na educação dos garotos durante o dia inteiro e que naturalmente necessitamos da noite para descansar; que a Obra da educação das crianças da rua, continuei, é das que interessam toda a gente; que educar não é ralar nem bater, prossegui, antes é ensinar; e como esta missão esgota as forças, pedi que os bailes da terra terminassem à meia-noite, como mandam a razão e as leis do País. Ao que um «homem bom», da assembleia, uma vez esta dispersa, responde de longe: «Que venha para cá que eu arrumo-lhe com um enxada na cabeça e ele descansa».

● Como, porém, a Obra da Rua corre sob o sinal da Cruz, a gente passa pelo meio deles apoiado na mão do Mestre e com a força d'Ele, ajudado por Ele, seguimos avante como Ele fez no lugar e na hora em que os da sua terra O quiseram correr à pedra. Sentei-me tranquilo debaixo de uma oliveira, olhos fixos na luz das serras; e disse comigo mesmo que, dado que o «bom homem» atirasse e eu caísse — vencida. Todo aquele que perde a vida por amor de uma causa justa e verdadeira, canta vitória.

● Faço muito gosto em te contar estes episódios da vida das Colónias de Férias para que, se um dia vieres a trilhar estes caminhos, estejas avisado dos perigos e te prepares para eles; tendo assim bem melhor sorte do que eu, que me meti em trabalhos sem mão amiga que mos mostrasse.

D. Amín! 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

O povo sofre todos os embates e caminha sempre

Povo de Deus em marcha constante... Das sanzalas para a cidade e desta para as lavras, obrigados pela fome. Sabem que há perigo de minas e perigos dos homens de farda. O povo sofre todos os embates e caminha sempre, agora, já nem pelos carreiros que acendeu com amor, mas pelo capim e pelas matas! Povo de Deus no deserto! Deserto sem oásis: de amor fraterno, de compreensão, de justiça, de respeito pela pessoa e de paz!!!

Padre Telmo



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e Imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239